

Universidade de São Paulo
Psicologia da Educação I – 2º Semestre - Vespertino
Elizabeth dos Santos Braga

Heloísa Tosi di Donato 8533868
Juliana Matsuzaki Pereira 8533527
Marília Azevedo G. M. Braga 8533764

Resenha do texto: A linguagem e o outro no espaço escolar – Vygotsky e a construção do conhecimento

Autoconceito, preconceito: a criança no contexto escolar

Ivone Martins de Oliveira

No cotidiano da sala de aula, frequentemente o professor se depara com uma série de situações que envolvem a formação da identidade do aluno. Tendo ou não clareza do que fazem, acabam cercando-se de uma série de práticas (aprendidas em Pedagogia ou Licenciatura, outras através de experiências com os demais professores e outras, ainda, através de conhecimentos de senso comum) que imprimem uma orientação ao desenvolvimento dessa identidade.

Algumas dessas práticas apontam para questões que colocam em foco a maneira pela qual o aluno se percebe – a imagem que faz de si mesmo na sala de aula. “Complexo de inferioridade”, “criança que acha que não é capaz”, “baixo autoconceito” são expressões utilizadas por professores para se referirem a alguns aspectos que envolvem a forma pela qual a criança se percebe em sua relação com a vida escolar. Aspectos esses que apontam para uma “valorização negativa” do aluno com relação a si mesmo e as suas produções.

Entre os pesquisadores da área educacional que estudam esse tema, as discussões têm se concentrado em torno das teorias que abordam a noção de autoconceito, auto-imagem e auto-estima do aluno. Esses trabalhos têm se dedicado a estudar o nível de autoconceito do aluno em sua relação com seu desempenho acadêmico. Moysés (1986) sugere que sucessivas experiências de fracasso escolar podem levar o aluno a se perceber como “menos capaz” e “menos aceito”, não raro levando a uma “desvalorização” para consigo mesmo, o que aumenta a possibilidade de novos fracassos.

Para Oliveira (1984), autoconceito é a “atitude que o indivíduo tem si mesmo, decorrente da maneira como se percebe”, a auto-imagem apresenta-se como um sinônimo de

autoconceito, mas com uma ênfase no aspecto social de sua formação; a auto-estima, por outro lado, é abordada como uma atitude valorativa do indivíduo com relação a si mesmo. Por considerar que esses conceitos estão bastante interligados, nem sempre sendo possível estabelecer, rigidamente, os limites de cada um deles; neste trabalho, eles serão abordados, todos, a partir de um único conceito.

O contato com as ideias de Vygotsky a respeito da constituição social do psiquismo humano possibilitou a realização da pesquisa através de um novo olhar sobre esse universo de questões suscitando o interesse em investigá-lo a partir de novas bases teórico-metodológicas.

Concebendo o homem como um ser eminentemente social, Vygotsky (1979-1984) considera que a elaboração da consciência ocorre a partir de uma crescente apropriação dos modos de ação culturalmente elaborados. Apropriação que se dá por intermédio do contato social, onde gradualmente, através de um processo de internalização, a criança vai tornando seus modos de ação que inicialmente eram partilhados com os outros. Nesse processo, é dado um destaque especial à linguagem: caminho pelo qual a consciência se elabora /é elaborada. Em seus estudos Vygotsky aponta o signo – a palavra – como elemento mediador das interações sociais, o qual permite a progressiva apropriação dos mais diversos bens culturais, e como elemento organizador e constituidor da atividade mental.

É através do pressuposto teórico da constituição social do psiquismo humano, mediada pela linguagem, é que se pensou acerca dos processos sociais envolvidos na produção da “valorização negativa” do aluno por parte de si mesmo, dos aspectos em jogo na elaboração social da identidade.

A proposta foi mergulhar no cotidiano da sala de aula e encontrar elementos para aprofundar essas reflexões. Optando pelo procedimento de investigação, a pesquisa foi feita em uma sala de aula de 3ª série de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Nesse período foram feitas observações por intermédio de diário de campo, gravações em áudio e fotocópia de textos produzidos pelos alunos, compondo a pesquisa.

A pesquisa tinha como objetivo investigar a elaboração da identidade do aluno em sua relação com as interações estabelecidas na sala, destacando em especial as relações que os alunos mantinham com a escola, com o professor, com o conhecimento trabalhado e entre si. Partindo do pressuposto de que essas interações são mediadas e se estabelecem pela linguagem e de que, portanto, o signo – a palavra – interfere na identidade, através das falas das crianças, para as crianças e sobre as crianças, na sala.

Foi possível notar que diferentes critérios encontravam-se presentes na produção de julgamentos e denominações feitas por alguns alunos sobre outros, variados eram os aspectos que estes destacavam ao falar sobre si mesmos. Pré-conceitos e discriminação permeavam as interlocuções produzidas, gerando tensões e conflitos que atravessavam as autodenominações de algumas crianças, tendo uma multiplicidade de sentidos. Para este fim, foi realizado uma análise de algumas situações envolvendo as autodenominações e denominações referentes a uma aluna, durante interações na sala de aula.

Ao longo da pesquisa de campo, Alc, uma aluna, começou a chamar a atenção devido ao fato de ser extremamente retraída. Raramente falava e/ou participava de atividades que implicavam o falar em sala.

Alc tinha traços de negritude ressaltados e era uma aluna que dificilmente participava de forma espontânea de atividades que implicavam a participação oral. Geralmente falava apenas diante de uma solicitação direta da professora. Durante as atividades, às vezes demonstrava estar atenta, observando o transcorrer do trabalho; às vezes começava a desenhar e a escrever bilhetinhos para a professora.

Alc era discriminada por alguns meninos do grupo, que a rejeitavam não querendo que ela sentasse no mesmo grupo que eles ou recusando-se a realizar atividades coletivas junto com ela. Em algumas situações, piadinhas e chacotas eram feitas envolvendo seu nome. “Escuridão”, “Noite”, eram apelidos utilizados por alguns meninos para referirem-se a ela.

Em uma atividade proposta pela professora ela pediu que as crianças lessem o trabalho que haviam escrito, tentando despertar a curiosidade e o interesse dos alunos pela leitura. Indagou quatro crianças se queriam ler e nenhuma delas respondeu afirmativamente à pergunta. Neste momento a pesquisadora perguntou para Alc porque ela não queria ler, o que responde a menina: “Eu não! Os outros vão rir de mim”.

Em sala de aula sua não participação é mediada, dentre outros aspectos, pelo que imagina que os “outros” possam fazer com relação a ela – ler o seu texto em voz alta pode provocar o riso em alguém. Em sala de aula, muitas vezes ocorrem situações que provocam riso na classe. Alguns alunos chegam até a criar e/ou envolver-se em determinadas situações, com o objetivo de provocar o riso no grupo.

Foi proposta outra atividade pela professora, na qual solicitava que as crianças escrevessem sobre si e sobre as identificações e não-identificações estabelecidas com os colegas. A proposta tinha como enunciado: “Pense e escreva um texto que fala sobre: 1) Como

sou?; 2) Quem é parecido comigo?;3) O que é parecido na classe?4) O que é diferente na classe?''.

Esta atividade fez parte de um conjunto de outras que tinham como objetivo identificar/trabalhar com a imagem de aluno que as crianças tinham.

“Eu sou preta tenho o cabelo duro

Os meninos diram saro de mim só porque eu sou preta

Sou quente não falo muito sou um pouco bagunceira

gosto muito de passear esete é o fim como sou?

Eu não sou parecido com ninguém

A Ana é diferente de mim ela tem cabelo grande

ela é morena eu sou preta os meninos agarram ela

esete é o fim Quem é parecido comigo Quem é

diferente de mim

Eu sou parecida com a Bea

A Bea tem cabelo duro eu também tenho cabelo duro

A Bea fala muito eu também falo muito

Esse é o fim O que é parecido na classe.”

É possível perceber a partir do texto de Alc transcrito acima que, quando diz respeito de si, a referência a negritude é constante.

O tipo de classificação realizada por cada aluno com relação a si próprio, fez referência em sua grande maioria a atributos físicos (cor da pele, cor e tamanho dos cabelos, cor dos olhos, idade, estatura e peso) e a formas de ser e de agir “obediente”, “alegre”, “carinhosa”, “sadia”, “quieto”, “exibida”, “estudo”, “bagunço um pouco”). Alguns apontaram para preferências pessoais (“gosto muito de passear”, “gosto de brincar”).

Tais fatos sugerem a presença de outros aspectos que não só os sinais diacríticos étnico-raciais intervindo na definição do que é ser “preto” para estes alunos, bem como na definição daqueles que devem ou não ser discriminados, independentemente destes traços físicos. A questão não parece ser, aqui, a de ter cabelo “duro” ou não, a pele “mais clara” ou “mais escura”, o nariz “chato” e “largo” ou “fino”, mas sim, em situações específicas, com interlocutores específicos, ocupando posições sociais específicas ter tal traço de negritude.

Ser “preto” implicava o preconceito e a discriminação, a rejeição, a marginalização. Implicava ser tratado de forma diferenciada.

É possível notar a situação socioeconômica dos alunos e a identidade de gênero interferindo fortemente na definição de quem era e/ou deveria ser considerado “preto”. Uma aluna com traços de negritude, mas com uma posição socioeconômica privilegiada no bairro e entre os colegas, não era designada como “preta”, e não se autodenominava como tal. Um aluno, igualmente com traços de negritude, e se auto denominava “mulato”, não era tratado como “preto”, se envolvendo nas brincadeiras e rituais de agarramento estabelecidos pelo grupo como indicadores do ser macho, não parecia ter dificuldades em se integrar ao grupo dos meninos. Já, outras duas alunas, meninas, pobres, com traços de negritude ressaltados, eram denominadas “pretas” e altamente discriminadas – uma delas se autodenominava “preta”, a outra, “morena”. Estes fatos nos mostram que para compreender os sentidos que envolvem o ser “preto” nessa sala, não basta nos determos nos atributos físicos em si mas, sim, no significado que tem para esses alunos possuir tal ou tal atributo físico quando a criança é “pobre” e mulher.

As situações apresentadas e analisadas trazem consigo toda a força do social, do histórico e do ideológico na constituição do sujeito. Explicitam como, no jogo das relações de poder que se estabelece entre essas crianças, alguns sentidos vão se fazendo mais presentes que outros e marcando a constituição de cada uma delas.

Muitos “problemas” relativos a autoconceito frequentemente sendo entendidos como “desajustes psicológicos”, a estes “problemas” são propostas soluções individualistas, as quais não colocam em questão a origem social e histórica desses mesmos “problemas”. Se contradições, conflitos e tensões envolvem as enunciações das crianças a respeito de si próprias, essas mesmas contradições, conflitos e tensões circulam pela sala de aula e vão além dos muros da escola. Desta forma, para encaminhar “problemas” que são de ordem social e histórica, é necessário, antes de mais nada, que se pense estes “problemas”, também como sociais e históricos e não “psicológicos”.